



“Os recursos estão disponíveis. Agora é pisar no acelerador”

Se o primeiro semestre do primeiro mandato de Raimundo Colombo como governador foi marcado por crises climáticas que atingiram fortemente o estado, os primeiros seis meses desse segundo mandato estão sendo levados em meio a uma crise econômica e institucional que atinge o país como um todo. Sempre ressaltando que comanda um estado diferenciado, o governador afirma que seu esforço é evitar que o pessimismo atinja os catarinenses. Por isso, tem trabalhado para dinamizar a economia, ao mesmo tempo em que, por dentro do governo, determina arrocho no custeio. O resultado prático disso é que Santa Catarina é um dos poucos (ou melhor, pouquíssimos) estados brasileiros com equilíbrio financeiro. E esse é o foco de Colombo: administrar Santa Catarina. Falar sobre eleições 2018 é quase pedir briga. Ele explica: “Tratar de 2018 agora é ruim para todo mundo, mas especialmente para mim! O governo tem só seis meses! É meia dúzia (de lideranças) que está com projeto político pessoal, o que eu respeito. Mas isso não pode ser assunto prioritário, porque acaba atrapalhando a própria ação de governo. A minha pauta, nesse momento, é administrativa. É muito difícil o cenário que está aí e a gente tem que jogar toda a nossa energia, toda a nossa força, justamente em fazer um bom governo”.

[PeloEstado] - Como a crise econômica está atingindo o Estado?

Raimundo Colombo - Nós estamos conseguindo antecipar o décimo terceiro salário aos servidores, mantendo os salários em dia, todos os serviços funcionando normalmente e estamos investindo como nunca. É necessário mostrar esse esforço e levar um alento à sociedade, para que não se feche nenhuma vaga de trabalho. E que se algum setor da nossa economia não for bem, outro consiga compensar. *(Durante a entrevista com o governador, o secretário da Fazenda, Antonio Gavazzoni, explicou que somente outros dois estados brasileiros (RN e CE) confirmaram a antecipação de 50% do 13º salário. Em SC, essa antecipação implicará num desembolso de R\$ 365 milhões. Para Gavazzoni, isso mostra o equilíbrio fiscal do Estado, com despesas crescendo abaixo da inflação e apesar da queda na arrecadação. O secretário também anunciou o investimento de R\$ 3 bilhões, dentro de uma capacidade de empenho de R\$ 5 bilhões.)*

[PE] - O que mais será feito para manter esse equilíbrio?

Colombo - Temos outras medidas de contenção de despesas. Em dezembro, quando terminou o governo (primeiro mandato), nós exoneramos todos os comissionados. E deixamos boa parte desses cargos vagos. Eles fazem parte de uma reforma administrativa. Esses cargos serão extintos para encerrar a pressão pelo preenchimento. *(Durante a entrevista com o governador, o secretário da Casa Civil, Nelson Serpa, informou o encaminhamento à Assembleia Legislativa de um projeto de lei para redução de 217 cargos nas secretarias de Desenvolvimento Regional, as SDRs. Anteriormente, foram extintos outros 60 cargos nas agências do governo. No total, são R\$ 6,2 milhões de economia anual. Gavazzoni completou a informação lembrando que o Programa de Eficiência Operacional nas Empresas da Administração*

Pública Indireta resultou em 689 empregados a menos, gerando economia que somará R\$ 214 milhões até 2018. Os dois secretários ressaltaram que não houve perda de qualidade nos serviços)

[PE] - O que preocupa?

Colombo - A situação do Estado é estável, mas estou há 54 meses no governo e junho de 2015 foi o pior de todo esse período. Diante de uma inflação de 9%, a arrecadação cresceu somente 2% sobre junho de 2014. Nosso prejuízo foi grande. Por isso temos que continuar com o esforço para reduzir nosso custo e, ao mesmo tempo, fazer com que essas ações animem a sociedade a não ceder à crise. Pelo contrário! Que a gente possa ter uma energia de superação, de enfrentamento, como é a tradição dos catarinenses, e não deixar perder nenhum emprego ou sacrificar nenhuma família.

[PE] - Apesar do esforço, teve queda de arrecadação...

Colombo - Estamos fazendo estudos e propostas de ação que possam trazer resultados a longo prazo. E uma das questões essenciais é a Previdência. Mas isso tem que ser discutido com os servidores, com as lideranças, com as instituições e sindicatos, mostrando a necessidade de fazer ajustes e avançar. Em 2014 nós tivemos um déficit de R\$ 3 bilhões na Previdência, entre o que foi arrecadado e o que ela custou para o Estado. Em uma década, isso vai ser impossível de suportar. Estamos com um estudo pronto e vamos democratizar, mostrar para os servidores. Não é algo para salvar o caixa do governo, mas as aposentadorias para o futuro.

[PE] - No início do segundo mandato o senhor implantou o sistema de fluxo de caixa, com cobrança de resultados para redução de custeio. Já há resultados?

Colombo - Já. Nós conseguimos reduzir bastante o nosso custeio. É o mais baixo do Brasil. E o nosso equilíbrio é resultado desse

controle que, fundamentalmente, melhora a fiscalização e compromete o gestor a alcançar metas. É um programa que precisa ser aperfeiçoado. Não estamos satisfeitos ainda com ele.

[PE] - E os secretários estão colaborando?

Colombo - Quase todos (risos). Não é fácil, porque é um trabalho em equipe e cada um sofre um tipo de pressão. Mas temos feito reuniões frequentemente para conscientizar todo mundo dos desafios. Mostramos os números e as dificuldades, mas queremos que as pessoas não desanimem e ainda promovam o enfrentamento da crise. Santa Catarina é um estado diferente. Por exemplo, a nossa economia é muito voltada para a exportação. E o câmbio, agora, nos favorece. Isso nos dá condições de enfrentar a crise em situação de vantagem. Temos que vocacionar cada vez mais para a exportação. E estamos fazendo isso.

[PE] - Qual a sua avaliação sobre o pacote de concessões em infraestrutura do governo federal?

Colombo - As concessões são um bom caminho. Defendi muito, fui chamado a Brasília e participei de várias reuniões. Quando eu era prefeito de Lages, fui falar que era a favor da concessão da BR-116 e quase fui linchado. *Que absurdo, colocar pedágio!* A verdade é que a 116 era uma estrada cheia de buracos. Os restaurantes, hotéis, postos de gasolina, todas as unidades de serviço estavam fechando. E hoje é uma estrada moderna, com ótima manutenção, toda a atividade privada ao longo dela se revigorou e não tem ninguém chateado com a concessão. Santa Catarina sai na frente, porque todos os projetos já estão prontos, assim como as licenças ambientais já foram liberadas. Se nós ficarmos na mão somente do investimento público, teremos ainda muitos anos de espera.

[PE] - Mas há várias obras federais paradas no estado,

o que merece constantes críticas por parte da Federação das Indústrias (Fiesc).

Colombo - O governo federal está tentando fazer o ajuste fiscal como prioridade e isso, evidentemente, atrasou o cronograma e tirou recursos de manutenção. O que tenho de informação é que essas obras estão sendo retomadas e que a manutenção logo vai ser revigorada. Estamos acompanhando e tenho levado esses pleitos, que preocupam a todos. Eu também viajo muito, por todo o estado, e vejo rodovias, inclusive algumas nossas, que precisam ser melhoradas. Temos que continuar cobrando e acredito muito no modelo de concessão. No meu entender, vai ser uma solução definitiva.

[PE] - O cenário de fragilidade do governo federal e da própria presidente Dilma Rousseff pode atrapalhar o processo de concessões?

Colombo - Não. Existe realmente um clima muito forte de confusão política. Acho que está havendo um desrespeito do Congresso, aprovando projetos que aumentam mais as despesas e diminuem a influência do ajuste fiscal. Isso é brincar com fogo! Por outro lado há um processo de crise ética, de prisão de executivos de grandes empresas. Tudo isso vai agravando a situação. É necessário ter equilíbrio, bom senso e pensar no país. O Brasil é maior que tudo isso e não podemos deixar que esse clima paralise o país e agrave ainda mais a situação.

[PE] - Desde que o senhor assumiu no segundo mandato está trabalhando bastante na linha de dinamizar a economia. O que mais tem por vir?

Colombo - Estamos buscando atrair investimentos de fora. Há um contato bastante avançado na Alemanha, para um empreendimento aqui, e com a Coreia, para a abertura do mercado para a nossa carne suína. Estamos todo o tempo contatando, buscando resolver entraves, tentando proteger a nossa economia e

injetando dinheiro no mercado para que as pessoas continuem consumindo. E o Estado tem que ser um agente motivador, dando exemplo. Então, você antecipa o décimo terceiro, faz os pagamentos com regularidade e investe para fazer a máquina girar.

[PE] - Com a reeleição o senhor ganhou a oportunidade de executar o Pacto por Santa Catarina. Como está o programa hoje?

Colombo - Melhorou muito. Implantamos um sistema de informatização que me permite acompanhar todas as obras quase que em tempo real. Isso melhorou muito a nossa capacidade de fiscalização e a eficiência. Tanto é verdade que a previsão de desembolso financeiro para 2015, como o Gavazzoni falou, é de R\$ 3 bilhões. É o maior da nossa história! Vivemos o melhor momento em termos de obras e ações do governo. Os recursos estão disponíveis. Agora é pisar no acelerador. Isso vai ajudar muito o estado a manter a atividade econômica. E tem um diferencial. Antes fazíamos concorrência para construir uma ponte e apareciam três, quatro empresas. Agora aparecem 80, 90. Como houve uma diminuição da atividade no país, Santa Catarina passou a atrair o interesse. Além disso, a concorrência maior contribuiu para reduzir custos.

[PE] - O Fundo de Apoio aos Municípios (Fundam) foi uma marca do seu primeiro mandato. O que pode vir de novidade?

Colombo - O Fundam está em curso. Poucas prefeituras terminaram as obras e temos 13 municípios que ainda não assinaram o convênio. Vamos concluir isso e estamos estudando meios de ajudar as prefeituras, um vetor muito importante para dinamizar a nossa economia. É um programa exitoso, com grande e bom resultado. Nossa ideia é apostar no Fundam II, mas é algo ainda incipiente. Vamos aguardar a evolução da economia.